

**AS PRIMEIRAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS E SERVIÇOS TELEGRÁFICOS DE
JORNAIS NO BRASIL DO SÉCULO XIX: RESULTADOS DE PESQUISA
HEMEROGRÁFICA**

THE EARLIEST NEWS AGENCIES AND NEWSPAPER SYNDICATES IN 19TH-
CENTURY BRAZIL: RESULTS OF NEWSPAPER ARCHIVAL RESEARCH

LAS PRIMERAS AGENCIAS DE NOTICIAS Y SERVICIOS TELEGRÁFICOS DE
PERIÓDICOS EN BRASIL EN EL SIGLO XIX: RESULTADOS DE INVESTIGACIÓN
HEMEROGRÁFICA

João Pedro de Almeida Sabadini¹

Resumo: O artigo expõe resultados de pesquisa hemerográfica de iniciação científica desenvolvida no âmbito do bacharelado em Jornalismo da Universidade Federal Fluminense desde 2022 sobre a história das agências de notícias brasileiras, aqui delimitando-se ao século XIX. Além de sintetizar a história das primeiras empresas do ramo, a Agencia Americana Telegraphica (1874-1875), o Centro Telegraphico da Imprensa (1888-1890) e o Serviço Especial d’O Paiz (1889-1905), o trabalho demonstra a ligação entre elas por meio de personagens em comum, com ênfase na atuação do jornalista e político Quintino Bocaiúva. Ao final, instiga ao aprofundamento de estudos sobre esse segmento do jornalismo que, em 2024, completa seu sesquicentenário no país.

Palavras-chave: história da imprensa; jornalismo de agências; agências de notícias; pesquisa hemerográfica.

Abstract: This paper presents the results of a study conducted in newspaper archives as part of the undergraduate Journalism program at the Federal Fluminense University since 2022, focusing on the early history of news agencies in Brazil, specifically in the 19th century. In addition to summarizing the history of the first companies in this industry—Agencia Americana Telegraphica (1874-1875), Centro Telegraphico da Imprensa (1888-1890), and Serviço Especial d’O Paiz (1889-1905)—the paper illustrates their intertwining through individuals in common, with a particular emphasis on the role of Brazilian journalist and politician Quintino Bocaiúva. The conclusion encourages further exploration of this branch of news media, which will reach its 150th anniversary in the country in 2024.

Keywords: press history; news agency journalism; news agencies; newspaper archive research.

¹ Graduando do bacharelado em Jornalismo da Universidade Federal Fluminense (IACS/UFF). Este artigo é resultado de projeto “História das Agências de Notícias Brasileiras e das Agências de Notícias Estrangeiras no Brasil”, financiado pelo programa PIBIC/UFF e orientado pelo Prof. Dr. Pedro Aguiar (UFF). E-mail: joapedrosabadini@id.uff.br.

Resumen: Este artículo presenta resultados de una investigación hemerográfica desarrollada en el marco de la carrera de pregrado en Periodismo de la Universidad Federal Fluminense desde 2022, centrada en la historia de las agencias de noticias en Brasil, con un enfoque específico en el siglo XIX. Además de resumir la historia de las primeras empresas en este campo, la Agencia Americana Telegraphica (1874-1875), Centro Telegraphico da Imprensa (1888-1890) y el Serviço Especial d'O Paiz (1889-1905), el trabajo destaca la conexión entre ellas a través de personajes en común, con énfasis en la actuación del periodista y político brasileño Quintino Bocaiúva. Al final, se invita a profundizar los estudios sobre este segmento del periodismo, que en 2024 celebra su sesquicentenario en el país.

Palabras-clave: historia de la prensa; periodismo de agencias; agencias de noticias; investigación hemerográfica.

INTRODUÇÃO

É recente o interesse de pesquisadores acadêmicos quanto à história das agências de notícias no Brasil. Embora nenhum livro publicado trate diretamente do assunto (Aguiar, 2016), há anotações esparsas em obras de referência da historiografia da imprensa brasileira, especialmente Molina (2015, p. 400-429), Erbolato (1991[1978], p. 170-189) e Bahia (2009[1964], p. 274-282). Atualmente, um projeto de pesquisa em andamento no âmbito da iniciação científica em Jornalismo na Universidade Federal Fluminense busca reunir informações isoladas para construir essa história de forma sistemática, coerente e disponível ao público. Afinal, trata-se de uma história que, em 2024, completa 150 anos.

Em 1874, três marcos históricos deram o pontapé inicial para a trajetória das agências de notícias no Brasil: em fevereiro, a fundação da primeira empresa nacional do ramo, a Agencia Americana Telegraphica, de Manoel Gomes de Oliveira; em junho, a instalação do cabo telegráfico submarino do Atlântico Sul (de Carcavelos, em Portugal, a Recife, no Brasil); e, em julho, o início das operações do escritório conjunto da francesa Havas e da britânica Reuters no Rio de Janeiro (Aguiar, 2020a).

Desde então, nomes conhecidos como Quintino Bocaiúva, Olavo Bilac, Sérgio Buarque de Holanda, Monteiro Lobato, Menotti del Picchia, Austregésilo de Athayde, Raul Bopp, Cásper Líbero, Cecília Meireles, Carlos Lacerda e Alberto Dines (Aguiar; Sabadini, 2023, p. 2) passaram pelo jornalismo de agências no Brasil, embora essa passagem raramente seja destacada em suas biografias. Preencher essa lacuna de pesquisa identificada é um dos principais objetivos do estudo aqui apresentado.

METODOLOGIA

A pesquisa, ainda em execução, visa justamente suprir essa demanda historiográfica. A importância passa, além de uma reconstituição histórico-material dessas informações, por uma função de construção basal dos conteúdos. Ao longo dos anos, com a contribuição de diversos(as) autores sobre o tópico, espera-se ter material organizado, tabulado e publicado a ponto de integrar espaços que outros ramos do jornalismo – como o impresso, radiofônico, televisivo e digital – já integram, com inúmeras obras próprias sobre o assunto e possibilitando o crescimento dos estudos teóricos para futuros(as) pesquisadores(as).

De início, deparamo-nos com o problema das fontes. A bibliografia sobre agências de notícias no Brasil é escassa. Em geral, ainda há pouco material registrado, catalogado, analisado e produzido sobre o setor. A consulta bibliográfica feita serviu para obter dados biográficos e informações contextuais, e, se necessário, confrontá-las com os acervos pesquisados. Fazendo um levantamento do registro sobre agências de notícias nas obras canônicas da historiografia da imprensa no Brasil, Sabadini (2023) sugere que

Molina (2015, p. 400-429) é o único que apresenta um capítulo inteiro sobre o assunto, intitulado “Agências de notícias”, em seu compêndio sobre os jornais brasileiros no século XIX. É ele quem atribui o pioneirismo à Agência Americana Telegraphica (Molina, 2015, p. 424). Romancini e Lago (2007, p. 70-71) apresentam um subcapítulo de duas páginas sobre as agências de notícias dentro do capítulo “O processo de consolidação da imprensa brasileira”. (Sabadini, 2023, p. 2)

Além disso, há também equívocos em certas informações nessas poucas menções supracitadas:

Morais (1994, p. 266) e Lene (2010, p. 70-71) apontam a Agência Meridional como tendo sido a primeira do Brasil. Já o verbete biográfico sobre Cásper Líbero no PJ:Br (Portal do Jornalismo Brasileiro)², organizado pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), apresenta o jornalista paulista como o fundador da suposta “primeira agência noticiosa brasileira”, a Agência Americana, no ano de 1913. Contudo, a Agência Americana nasce em 1909 e a Meridional apenas em 1931 – quase 60 anos depois do surgimento da pioneira – chegando já a ser a quinta brasileira da história (depois da Agência Americana Telegraphica [1874], Centro Telegraphico da Imprensa [1888], Agência Americana [1909] e Agência Brasileira [1926]). (Sabadini, 2023, p. 2-3)

² Disponível em <https://pjbr.eca.usp.br/arquivos/monografia1_i.htm>

Na pesquisa em andamento, abordamos como objeto de estudo tanto as agências de notícias brasileiras (ou seja, aquelas nascidas e com sede no Brasil) quanto agências de notícias estrangeiras (criadas em países de fora, majoritariamente do norte global, e com *bureaux* no Brasil). Cada uma dessas categorias mobiliza fontes, procedimentos e redes institucionais particulares (como os laços entre proprietários, assinantes e jornalistas que trabalharam em cada uma). Para o presente artigo, o foco será posto especificamente nas agências brasileiras, enquanto a janela temporal adotada é restrita ao século XIX, mais precisamente entre os anos de 1874 (marco inicial das agências de notícias do e no Brasil, conforme critério estabelecido anteriormente) e 1900, último ano do século, no intuito de dar foco às primeiras empresas do jornalismo de agências existentes no país até então.

O principal método adotado para o desenvolvimento da pesquisa e, conseqüentemente, deste artigo, é a pesquisa hemerográfica (consultas a jornais em acervos digitalizados). A Hemeroteca Digital Brasileira (HDB) da Biblioteca Nacional é a fonte majoritária de busca e conta com um vasto acervo de jornais impressos digitalizados que parte de 1740 até os dias de hoje (no website memoria.br.br). Para a nossa pesquisa, iniciamos a coleta de referências pelo ano de 1874, mas o banco de dados pode servir a estudos das mais diversas áreas devido à sua qualidade e quantidade de informações, muitas delas encontradas exclusivamente lá.

Selecionando o recorte temporal por década³, buscamos por palavras-chave e analisamos as menções àquelas palavras nos jornais arquivados na HDB. Com isso, foi possível filtrarmos e selecionarmos o que é interessante a partir da tabulação desses dados, possibilitando a complementação das informações (Tabela 1, próxima página). Em nossa tabela, adotamos alguns campos padronizados para facilitar o registro, a identificação e a análise de todo o conteúdo que for registrado. Dentre os critérios escolhidos, temos “agências citadas”, “periódico”, “URL”, “data”, “edição”, “página”, “coluna”, “título da matéria ou coluna”, “assinatura/autoria”, “pessoas citadas”, “evento”, “cidade (UF)”, “coletor(a)”, “data coleta” e “observações”. Com tais divisões, acreditamos que a visualização dos achados é facilitada e permite o fácil acesso a algum registro já feito há tempos com uma facilidade maior.

³ No sistema da HDB, as décadas são iniciadas por anos terminados em 0 e concluídas em anos terminados em 9. No calendário gregoriano, as décadas e séculos só começam nos anos terminados em 1.

Tabela 1. Síntese quantitativa das referências a agências de notícias no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional (1874-1900)

Agência (na ortografia da época)	1874-1889	1890-1900	Total
Agencia Americana Telegraphica	51	-	51
Agencia telegraphica submarina	7	-	7
Serviço Telegraphico da Gazeta de Noticias	6	-	6
Centro Telegraphico da Imprensa	29	8	37
Serviço Especial do Jornal do Commercio	1	9	10
Serviço Especial d'O Paiz	3	-	3
Serviço Telegraph. da Provincia de S.Paulo	8	-	8
Serviço Especial do Jornal do Brazil	-	2	2
TOTAL	105	19	124

Fonte: De lavra própria, com base nos dados da pesquisa.

Os tipos de referências buscados não são meras citações às agências em notícias corriqueiras (reproduções dos despachos provenientes de agências publicados em impressos), mas menções extraordinárias às agências, suas estruturas, equipes, operações, serviços e localizações, filtrando por operadores booleanos (uso de aspas para sintagmas específicos, soma ou exclusão de termos para refinar os resultados) e tomando por critérios os seguintes objetivos:

- a) Levantamento de referências nominais a agências de notícias atuantes no Brasil (brasileiras ou estrangeiras);
- b) Levantamento de referências nominais a criadores, gestores e jornalistas de agências de notícias atuantes no Brasil (brasileiros ou estrangeiros);
- c) Levantamento de referências factuais de acontecimentos relativos à atuação de agências no Brasil: notícias de criação e fechamento, abertura de sucursais, ofertas de novos serviços, homenagens a seus proprietários ou gestores, além de anúncios, relatórios, editais, prestações de contas e publicidade legal.

O mesmo modelo de coleta de dados pode ser feito via acervo digitalizado de jornais privados, como *O Estado de S.Paulo* (no ar desde 2012, com acervo iniciado em 1875), *O*

Globo (no ar desde 2013, com acervo iniciado em 1925) e *Folha de S. Paulo* (no ar desde 2018, com acervo iniciado em 1921). No entanto, dos mencionados, apenas o *Estadão* possui coleção de edições desde o século XIX. Também é relevante comentar que tais acervos não podem ser acessados e reproduzidos gratuitamente, ao contrário do material da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

De forma complementar, o estudo recorre à pesquisa documental em arquivos públicos e privados, gerais ou setoriais, que façam referência a agências de notícias – como em textos legislativos, atas de debates parlamentares e projetos institucionais de memória corporativa, quando disponíveis.

AGENCIA AMERICANA TELEGRAPHICA (1874-1875)

Notícias vindas de agências estrangeiras já chegavam ao Brasil anos antes disso – com menções encontradas a partir de 1851 (AGUIAR, 2022), graças ao transporte de despachos via navios. A pesquisa hemerográfica localizou ainda menções a correspondências com notícias estrangeiras, mais especificamente de Londres, vindas através de uma certa “Agencia telegraphica sub marina” <sic> e iniciadas no dia 5 de outubro de 1870, no *Diário do Rio de Janeiro*, pouco mais de três anos antes da instalação do cabo telegráfico ligando o Brasil a Portugal, e com última aparição em 6 de dezembro de 1877, no jornal *O Cearense*, de Fortaleza. Nenhuma outra informação sobre tal agência aparece nos registros.

No entanto, a primeira empresa brasileira do ramo, a Agencia Americana Telegraphica (AAT), aparece pela primeira vez na imprensa no dia 11 de fevereiro de 1874, nos jornais *Diario do Rio de Janeiro* e *A Reforma*, quatro meses antes da instalação do cabo telegráfico que ligava Recife a Lisboa, em notícia de seu lançamento ao público.

Um melhoramento de grande alcance acaba de ser installado nesta capital e dentro de pouco tempo começará a produzir os seus naturaes resultados. A iniciativa de um intelligente e activo membro do corpo commercial desta cidade deve-se a organização de uma agencia telegraphica que vae pôr ao alcance de todos as communicações com o resto do mundo por um preço relativamente infimo. A necessidade da creação de uma tal agencia, succursal obrigada da grande empreza que se acaba de inaugurar, estava prevista e assignalada pelo mesmo grandioso commettimento a que devemos a

solidariedade social da nossa patria com as outras nações civilizadas. (Diário do Rio de Janeiro, 11 de fev. de 1874, p.2; mantida a ortografia da época)⁴

Com pioneirismo no Brasil, a Agencia Americana Telegraphica é, possivelmente, também a primeira agência de notícias da América Latina (AGUIAR, 2020a). Mesmo com sua história relativamente curta, a AAT e seu fundador, Manoel Gomes de Oliveira, inauguraram um setor antes mesmo de empresas estrangeiras no país e serviram de base para outros empreendimentos nascerem e expandirem. A existência da AAT durou de fevereiro de 1874 até meados de outubro de 1875 (últimos registros encontrados na Hemeroteca Digital), ou seja, pouco mais de um ano e oito meses.

Congratulamo-nos sinceramente com o Sr. Manoel Gomes de Oliveira pela feliz idéa que teve de fundar n'esta cidade uma agencia telegraphica, *ad instar* da bem conhecida empreza européa *Havas*. É um grande melhoramento para o commercio, para a imprensa e para todas as relações sociaes a criação da *Agencia Telegraphica Americana*, devida á iniciativa desse intelligente cavalheiro. (A Reforma, 11 de fev. de 1874, p. 1; mantida a ortografia da época)⁵

Não há muitas informações sobre a vida pessoal e trajetória profissional de Manoel Gomes de Oliveira, o fundador da AAT. Os poucos registros disponíveis dão conta de que era amanuense (uma espécie de escrevão da época) antes de abrir um banco por conta própria, o que não funcionou e tivera, ali, seu primeiro fracasso. No entanto, seguiu na área dos negócios e resolveu fundar a Agencia Americana Telegraphica, que apesar do curto tempo de vida, certamente foi seu negócio mais exitoso (Aguiar, 2018).

Assim como fora a trajetória de Charles-Louis Havas [fundador da primeira agência de notícias do mundo] na França no início do século XIX, também Gomes de Oliveira chegou a ser um renomado financista no Segundo Reinado, com o banco Gomes de Oliveira & Irmão, e dirigente da patronal de seguradoras (Associação Brasileira de Seguros e Benefícios-Mútuos), até falir no final dos anos 1860. Jornais entre 1867 e 1870 registram diversos processos abertos contra a firma, contestando o pedido de concordata feito antes. A partir daí, tudo leva a crer que, como Havas, este Manoel procurou mudar de vida. Em 1871, foi nomeado corretor de fundos públicos e de mercadorias da Corte Imperial, cargo subordinado ao Tribunal do Comércio Administrativo (equivalente a uma atual junta comercial). No ano seguinte, foi eleito presidente da junta de corretores do Rio. Em 1873, também aparece como diretor-geral da Associação Brasileira de Seguros e Benefícios-Mútuos,

⁴ Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/094170_02/31267>, 3ª coluna

⁵ Disponível em <<http://memoria.bn.br/docreader/226440/5654>>, 3ª coluna

tesoureiro da Sociedade Philharmonica Fluminense, e domiciliado na Rua Primeiro de Março 53A. (Aguiar, 2018, n.p.)

Logo no início, Gomes de Oliveira estruturou sua empresa com escritórios estrategicamente localizados nas cidades já cabeadas, como Belém e Lisboa. Já em 17 de abril de 1874, há o registro da abertura de uma sucursal da AAT em Belém (PA). O texto, que contém um comunicado na íntegra escrito por Manoel Gomes de Oliveira – criador e dono da agência – tem início com o anúncio de Domingos Antônio Gomes Pércheiro como delegado da empresa naquela província, encarregado de chefiar as operações da sucursal. A mensagem também explica os objetivos da empresa que acabara de surgir e o modus operandi da agência, além de informações sobre os valores e de como contratar os serviços. Quanto aos locais de funcionamento fora da sede carioca, o *Jornal da Noite*, com base em Lisboa (Portugal), trouxe, na edição dos dias 30 e 31 de março de 1874, uma pequena nota anunciando o endereço provisório (Travessa de Santa Justa, nº 95, 1º andar) do escritório da AAT na capital portuguesa, chefiado pelo representante da AAT no continente europeu, identificado como W. Allen.

Tal planejamento também demonstrava as intenções e a força com que pretendia atuar, pois, já de início, já tinha uma concepção e investimento de internacionalização em locais-chave, além das inspirações nas agências francesa e britânica, respectivamente, “Havas” e “Reuter” (assim escrita à época).

Tanto a linha telegraphica submarina já estabelecida ao longo da nossa costa, como nas grandes linhas em via de execução, que brevemente serão inauguradas, o preço dos despachos telegraphicos é excessivo, como o são em todas as empresas deste genero. Um só despacho de 20 palavras do Pará para a côrte ou vice-versa custa 40\$000. E tanto bastaria para que o commercio e todas as pessoas interessadas no movimento social, economico e politico do Brazil se vissem privadas de receber com frequencia as communições de que tanto carecem, porque seria necessario uma despeza colossal. Atendendo a isso e seguindo o exemplo da Europa e Estados-Unidos busquei fundar, baseado no principio da associação, uma agencia de despachos telegraphicos noticiosos, politicos e commerciaes pelo modo das agencias Havas e Reuter da Europa. Para esse fim celebrei contracto com a empresa ‘Western and Brazilian Telegraph Company’, que me garante por dez annos, e com exclusão de outro qualquer concorrente, a transmissão dos despachos da minha agencia, sob vantajosas condições, esperando eu as mesmas vantagens com relação ás communições do cabo europeu e platino (para o que estão tomadas as providencias), o primeiro dos quaes estará ligado a Pernambuco até o dia 15 de junho. A ‘Agencia Americana’ vai ser, pois, o centro de todas as

comunicações telegraphicas com as provincias do Brazil, a Europa, a America do Norte e os Estados do Sul e do Pacifico. Ella pode oferecer as suas vantagens por um preço relativamente infimo, graças ao seu mecanismo especial. (O Liberal do Pará, 17 de abr. de 1874, p. 1; mantida a ortografia da época)⁶

Demonstrando a relevância da “Agencia Americana Telegraphica” na história das agências de notícias brasileiras, o *Diário do Rio de Janeiro* trouxe, em 19 de julho de 1874, um comunicado relatando que a AAT teria tido “a honra de ser a que recebeu o primeiro telegramma do Brasil para a imprensa de Lisboa” (Boletim, 19 de jul. 1874, p. 4).

A partir de julho de 1874, no entanto, o monopólio da AAT se encerrava. Isso porque a Reuters e a Havas, dominantes no cenário internacional com aporte financeiro e estrutura consolidada, chegaram ao país, instalando seus escritórios e iniciando seus serviços com os jornais brasileiros. Com isso, a AAT passou a sofrer com uma concorrência assimétrica, visto que o tamanho e a experiência das outras era incomparável.

Em agosto daquele ano, Gomes de Oliveira decidiu ampliar seus negócios e abre seu próprio jornal, chamado *O Globo* (sem conexão com o homônimo criado pela família Marinho, que viria a existir apenas a partir de 1925). Na empreitada, teve como sócios Salvador de Mendonça, Joaquim Dias da Rocha e o cubano Bernardo Caymari (Aguiar, 2018). Tal jornal, inclusive, trazia folhetins escritos por ninguém menos que Machado de Assis, além de crônicas do grande escritor brasileiro com críticas à Havas – disfarçadas como “o telégrafo” -, ironizando o fato da empresa francesa publicar “barrigas” (notícias falsas publicadas involuntariamente) e criticando a “pobreza de estilo” dos escritos (Quadros, 2013, p. 763-768).

No cabeçalho do *Globo* de agosto de 1874, alguns dados importantes eram revelados: em destaque, vinham estampados o título, o proprietário e alguns dos interesses expressos pelo jornal: *O Globo: Órgão da Agência [Americana] Telegráfica*, dedicado aos interesses do Comércio, Lavoura e Indústria; proprietário: Gomes de Oliveira & C. Nas pequenas linhas contidas abaixo, alguns “lemas” eram enfatizados: Liberdade plena de enunciação do pensamento com responsabilidade real e efetiva do seu autor; Completa neutralidade na luta dos Partidos Políticos; Oferta gratuita das suas colunas a todas as inteligências que quiserem colaborar em assuntos de utilidade pública. Em 1874 ainda não seriam divulgadas informações sobre tiragens, mas os preços de assinatura eram os seguintes: na Corte e em Niterói: 20\$000 (por ano) e 12\$000 (por 6 meses) / nas Províncias: 24\$000 (por ano) e 14\$000 (por 6 meses). As assinaturas podiam ser adquiridas na Tipografia do *Globo*, localizada na Rua dos Ourives, nº 51. Posteriormente também seriam aceitas

⁶ Disponível em <<http://memoria.bn.br/docreader/704555/4881>>, 3ª e 4ª colunas

assinaturas por correspondência e, pelo menos inicialmente, os exemplares não seriam vendidos de forma avulsa. (Salvaia, 2014, p. 15)

No início de 1875, mais precisamente no dia 13 de janeiro, *O Globo* anunciou a contratação do trabalho do serviço conjunto “Havas-Reuter”, somando-se à própria AAT.

Aguiar (2018) conta que, em meados de 1875, Gomes de Oliveira enfrentou duas dificuldades que acabaram ocasionando o seu fechamento: as acusações de plágio envolvendo o *Jornal do Commercio* do Rio e o *Diario do Gram Pará*, de Belém, e o episódio que mais causou complicações, a denúncia de prática de loteria ilegal.

Na tentativa de buscar ampliar suas fontes de renda (visto que a Havas-Reuter havia acabado de chegar no Brasil, trazendo um concorrente de peso), a direção da AAT optou por adotar um sistema de “plano por assinatura”, no qual parte dos lucros seria repassado aos assinantes, similar a uma ideia de sociedade empresarial: “recebendo o socio possuidor do recibo de assignatura da folha, que tivesse numero igual ao do maior premio na loteria do governo, os lucros da quinzena de que desistiam os demais socios por commum acordo” (*O Globo*, 29 de nov. de 1874, p. 2)⁷. No entanto, o esquema foi denunciado e julgado como loteria, o que era ilegal à época (lei 1099 de 18 de setembro de 1860). Detalhes do julgamento e trechos da defesa (a cargo do ilustre jurista Saldanha Marinho) foram publicados em algumas edições do jornal *O Globo*, mas o resultado não foi favorável a Gomes de Oliveira:

Os factos, a que allude a portaria e que fazem o objecto do presente processo, não constituem, nem podem constituir o crime de loteria ou rifa definido na lei n. 1099 de 18 de setembro de 1860. A loteria e a rifa pertencem aos jogos de puro azar (Mello 4,3 § 24. Rocha § 874). Nos jogos deste genero uma das partes perde aquillo que outra parte ganha: – perda de um, ganho de outro, dependentes do facto casual; eis os elementos essenciaes do jogo de azar. (*O Globo*, 29 de nov. de 1874, p. 2)

A decisão judicial, em janeiro de 1875, condenou os sócios. Em maio do mesmo ano, apelando à segunda instância, a condenação foi revogada e o processo foi anulado (*O Direito*, 1875, p. 140-157), mas o desgaste e a fuga de clientes forçaram a AAT a fechar as portas em outubro. A saída encontrada para enfrentar a concorrência acabou por selar o fim da empresa.

⁷ Disponível em <<http://memoria.bn.br/docreader/369381/461>>, 2ª a 6ª colunas

CENTRO TELEGRAPHICO DA IMPRENSA (1888-1890)

Apesar de a ligação empresarial entre *O Globo* e a AAT de Manoel Gomes de Oliveira ter sido relativamente curta, a continuidade entre personagens que trabalharam no jornal e depois no CTI é um indício de que a experiência da primeira agência de notícias brasileira, ainda que efêmera, deve ter aberto portas e deixado um aprendizado entre os que tiveram contato com ela.

Uma dessas personalidades foi o jornalista e político fluminense Quintino Bocaiúva (nascido Quintino Antônio Ferreira de Sousa, em Itaguaí, em 1836, e que adotou o sobrenome tupi como adesão às correntes nativistas). Como personagem, Quintino Bocaiúva é mais lembrado pela historiografia por seu papel nas campanhas abolicionista e republicana (LEMOS, 2015). Mas as referências que a pesquisa encontrou nos jornais do período analisado revelam uma atuação central de Bocaiúva na construção e na consolidação do jornalismo de agências no Brasil. Tempos antes de se tornar uma importante figura política republicana, Bocaiúva trabalhara com os mesmos sócios de Gomes de Oliveira na AAT: com Saldanha Marinho editara o *Diário do Rio de Janeiro*, o primeiro jornal diário do país, na década de 1860; com Salvador de Mendonça co-escrevera o “Manifesto Republicano” de 1870 e trabalhara no jornal *A República* de 1871 a 1874; e recebera aportes financeiros de Bernardo Caymari várias vezes, inclusive para comprar *O Globo* após a saída de Gomes de Oliveira (LEMOS, 2015, p. 1087-1095). Enquanto fazia carreira política, Bocaiúva trabalhou na AAT e aprendeu o ofício do jornalismo de agências (Araújo, 2015, p. 132). Depois, continuou trabalhando no *O Globo* até o jornal fechar, em 1883.

Araújo (2015, p. 132-133) registra como a relação entre Gomes de Oliveira e Bocaiúva era de confiança, a ponto de o empresário despachar o jornalista (à época com 37 anos) para Salvador com a missão de estabelecer uma sucursal e uma base de clientes para a AAT. Nessa missão, aprendeu os trâmites dos contratos de fornecimento noticioso para a imprensa e teve de lidar com a pressão competitiva da Havas, cuja rede de informações, em função do cartel que mantinha com a Reuters e a alemã Wolff, era de alcance global (Nalbach, 1999).

Bocaiúva era chefe de redação do jornal *O Paiz* quando articulou, em dezembro de 1887, a criação do consórcio empresarial Centro Telegraphico da Imprensa (CTI), a segunda agência de notícias brasileira propriamente dita, que existiu entre os anos de 1888 e 1890. Ligado ao

jornal carioca, que era dirigido por Bocaiúva na época, o CTI entrou em operação em 1º de janeiro de 1888 (Aguiar, 2020a), como documenta um texto celebratório publicado em *O Paiz* naquela data:

Desde hoje e por accôrdo que celebrámos com varios collegas da imprensa das provincias, encetamos um serviço telegraphico especial, que supommos ser um melhoramento vantajoso, sobretudo para os referidos collegas. Tendo ampliado e desenvolvido, tanto quanto nos foi possivel, a criação de agencias locais para a prompta expedição das noticias importantes por meio do telegrapho, julgamos que era opportuno estabelecer uma associação com os nossos collegas das provincias afim de que pudessem, com grande economia, publicar simultaneamente connosco as noticias que nos fossem transmittidas pelos nossos correspondentes. [...] Precedendo aos seus collegas da imprensa fluminense nossa util tentativa, *O Paiz* quer somente assegurar para os associados do *Centro Telegraphico da Imprensa* os meios de darem curso facil, prompto e certo as noticias de interesse geral e local, e preparar-lhes assim um melhor, futuro, com o favor publico, que seguramente lograrão as folhas que possam offerecer aos seus leitores mais abundantes e completas informações telegraphicas. (*O Paiz*, 1 de jan. de 1888, p. 4; mantida a ortografia da época)⁸

O CTI funcionava como um consórcio empresarial articulado pela direção de *O Paiz*. Logo no início, a iniciativa contou com a adesão de outros 18 jornais, como o *Liberal do Pará*, *A Provincia do Pará*, o *Jornal do Recife*, *Diario de Pernambuco*, a *Gazeta da Tarde* (BA), a *Provincia do Espirito Santo*, *A Provincia de S. Paulo* (atual *Estadão*), o *Correio Paulistano*, o *Diario Popular*, *Diario Mercantil* e o *Diario de Noticias* (SP) (A Província, 1888).

Dois anos depois, em 1º de novembro de 1890, o jornal *O Brazil* noticia a decisão d'*O Paiz* de encerrar as atividades do CTI. Em seu lugar, é dito que “*O Paiz* acabou com o Centro Telegraphico da Imprensa e tem agora um serviço especial seu, todo seu, exclusivamente seu” (*O Brazil*, 1 de nov. de 1890, p. 2), indicando não uma interrupção do serviço prestado, mas sim uma transformação do consórcio no Serviço Especial d'*O Paiz* – ou seja, uma continuidade institucional – informação até agora inédita no campo de estudo das agências de notícias em território nacional.

O período de existência do CTI, de 1888 a 1890, coincide com as campanhas pela abolição e pela proclamação da República. Tais eventos se conectam por um nome: Quintino Bocaiúva. Ambos os acontecimentos tiveram a participação ativa do jornalista. Aguiar (2020a,

⁸ Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4872>, 4ª coluna

p. 7) relata que a “agência cooperativa colaborou para a disseminação de perspectivas antimonarquistas para a imprensa de outras províncias. O CTI esteve ativo na época da proclamação de 15 de novembro 1889, ajudando a divulgar o golpe militar” do marechal Deodoro e de Benjamin Constant pelos jornais do país.

SERVIÇOS ESPECIAIS E TELEGRÁFICOS DE JORNAIS

Após o fim da AAT e antes do CTI, a distribuição de despachos telegráficos noticiosos para os jornais de fora da Corte foi realizada principalmente por serviços de redistribuição montados pelos jornais cariocas, análogos àquilo que no jargão da imprensa em inglês é conhecido como *syndication* (e que já era prática corrente nos Estados Unidos desde a Guerra de Secessão (Emery, 1965; Schwarzlose, 1989, p. 279n). Embora alguns tenham durado poucos anos, os indícios hemerográficos apontam que os “serviços especiais” (ou “serviços telegráficos” ou ainda “serviços particulares”) dos jornais brasileiros foram importantes para fazer circular as notícias recebidas pelo telégrafo submarino da então capital para as outras províncias, especialmente as mais afastadas do litoral. Nunomura (2018) conta que tais atividades faziam com que os grandes jornais do Rio e de São Paulo vendessem as notícias “de segunda mão” aos jornais do interior. A lógica de terem seus próprios serviços de venda de notícias para a imprensa interiorana embasaria, mais tarde, algumas das maiores agências da história do Brasil, como a Agência Meridional, dos Diários Associados, a Agência JB, além das atuais Agência Estado, Agência O Globo e Folhapress.

O primeiro a funcionar nessa forma foi o Serviço Especial do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, à época comandado por Francisco Picot e Júlio de Villeneuve. Seu serviço de distribuição de notícias, o mais duradouro de todos, foi mantido até 1959, quando o jornal foi comprado pelo grupo Associados e teve o serviço incorporado à Agência Meridional, fundada em 1931.

O segundo *syndicate* brasileiro mais antigo foi o Serviço Telegraphico da *Gazeta de Notícias* (mantida a grafia da época), mais tarde referido como Serviço Especial da *Gazeta de Notícias*, que a pesquisa conseguiu detectar creditado nos jornais entre 1877 e 1884. Outros nominalmente identificados na pesquisa hemerográfica foram o Serviço Especial da *Gazeta da Tarde* (1884-1901), Serviço Especial da *Cidade do Rio* (1887-1900), do jornal de José do

Patrocínio, o Serviço Especial do *Diário do Commercio* (1888-1892), também do Rio de Janeiro, e o Serviço Especial do *Jornal do Brazil* (1894-1898).

Mas poucos alcançaram a penetração e a capilaridade do Serviço Especial d’*O Paiz* (1889-1905), por vezes simplificado para Serviço Especial do *Paiz*, ou SEOP (e, mais raramente, identificado apenas pela letra “P.” em telegramas republicados por outros jornais), que, além de durar até o início do século XX, difundiu o modelo de distribuição noticiosa na imprensa brasileira (Aguiar, 2015; 2017).

A partir da década de 1890, as siglas dos serviços telegráficos ou especiais dos jornais, especialmente *O Paiz* e o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, começam a aparecer nas seções de “telegrammas” (Matheus, 2012, p. 9-10), disputando espaço com o “H.”, inicial de identificação da Havas. Embora tenha sido o primeiro a começar, já em 1874, o Serviço Especial do *Jornal do Commercio* foi acusado no início de apenas reproduzir os despachos recebidos da Havas e revendê-los para a imprensa do interior (Araújo, 2015, p. 133). Só na década de 1910 assumiria importância como fonte primária de informação de apuração própria, especialmente por seus correspondentes no exterior, para a imprensa brasileira.

Com a transformação do CTI em Serviço Especial d’*O Paiz*, Quintino Bocaiúva continuou à frente de um dos grandes empreendimentos do jornalismo de agências no país. Durante alguns meses, os dois chegaram a coexistir, visto que o Serviço Especial d’*O Paiz* começou em 1889 e o CTI só encerrou suas atividades um ano depois, em 1890 (Matheus, 2012, p. 11). No entanto, esses outros serviços telegráficos (ou serviços especiais) continuaram até a segunda década do século XX, quando passaram a ser desbancados pela brasileira Agência Americana (de Olavo Bilac), e pelas estadunidenses Associated Press e United Press.

A última aparição da assinatura “Serviço Especial do Paiz” na rubrica “Telegrammas”, no canto superior esquerdo da primeira página, é de 1º de junho de 1905⁹, segundo o acervo disponível na Hemeroteca Digital. A partir dessa data, os telegramas não mais são creditados a um serviço próprio do jornal, nem a agências ou fonte alguma.

⁹ Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/9555>

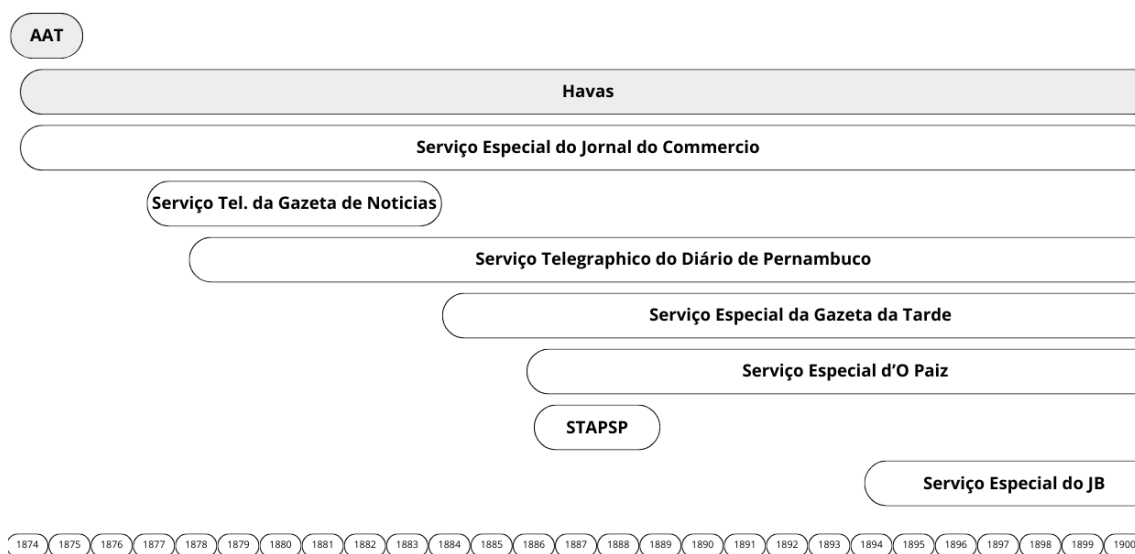
Tabela 2. Catálogo de serviços especiais/telegráficos de jornais identificados na pesquisa hemerográfica (1874-1900)

Serviço	Província /Estado	Início	Término
Serviço Especial do Jornal do Commercio	RJ	1874	1959
Serviço Telegraphico da Gazeta de Noticias	RJ	1877	1884
Serviço Telegraphico do Diário de Pernambuco	PE	1878	1930
Serviço Especial da Gazeta da Tarde	RJ	1884	1901
Serviço Especial d'O Paiz	RJ	1886	1905
Serviço Telegraphico da Provincia de S.Paulo	SP	1886	1889
Serviço Especial da Cidade do Rio	RJ	1887	1900
Serviço Especial do Diário do Commercio	RJ	1888	1892
Serviço Especial do Correio Paulistano	SP	1890	1921
Serviço Especial do Estado	ES	1890	1909
Serviço Especial d'A República	PR	1890	1929
Serviço Especial do Jornal do Brazil	RJ	1894	1909
Serviço Especial da República	SC	1894	1922

Fonte: De lavra própria, com base nos dados da pesquisa.

Como se vê, até o jornal *A Província de S.Paulo*, nome que o atual *O Estado de S.Paulo* teve de 1875 até 1890, manteve o seu “Serviço Telegraphico da Provincia de S.Paulo”, depois renomeado “Serviço Especial d'O Estado de S.Paulo” (1890-1935), que pode assim ser considerado uma espécie de precursor da Agência Estado (AE), só formalmente criada em 1970. Por sua vez, o *syndicate* do JB funcionou de 1894 a 1909, mas retornaria nos anos 1910 sob o nome “Serviço Telegraphico do *Jornal do Brazil*”. Ambos podem ser considerados antecedentes da Agência JB (1966-2013), que por um período no século XX chegou a ser a maior agência de notícias do país. A coetaneidade das agências e serviços de jornais brasileiros no século XIX pode ser visualizada na Figura 1 (na próxima página).

Figura 1. Linha do tempo das agências de notícias e principais serviços especiais/telegráficos de jornais brasileiros (1874-1900)



Fonte: De lavra própria, com base nos dados da pesquisa.

Com o fechamento do CTI e a dependência dos serviços especiais/telegráficos dos jornais, a Havas desfrutou de um monopólio no fornecimento de telegramas de noticiário internacional para o Brasil, sendo a única responsável por tal serviço em todo o território. Tal situação só mudaria em 1909, com a fundação da Agência Americana por Olavo Bilac (depois repassada a Oscar de Carvalho Azevedo), que investiu em ter correspondentes próprios no exterior, e a entrada das agências norte-americanas United Press e Associated Press no mercado brasileiro, entre 1916 e 1919 (Aguiar, 2020b).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pretendeu neste artigo foi esboçar uma história das primeiras agências de notícias brasileiras e seus congêneres no mercado de distribuição noticiosa para a imprensa: os serviços especiais ou telegráficos dos jornais, também ditos *syndicates*. Para além do inventário das empresas atuantes no recorte temporal definido (1874-1900), buscou-se salientar a linha de continuidade entre eles, nominalmente por meio do envolvimento pessoal de Quintino Bocaiúva com três das empresas do ramo.

O esforço do resgate histórico feito por nós e por outros(as) pesquisadores(as), ainda que poucos, é de extremo valor para a constituição de uma parte praticamente não contada da cronologia do jornalismo – e não se atendo apenas ao passado, haja vista a influência do setor

na atuação contemporânea nas grandes empresas jornalísticas. Além disso, ajuda a conectar pontos na própria história da imprensa e do país: como visto previamente, personagens importantíssimos estiveram diretamente envolvidos com o jornalismo de agências.

Vale ressaltar que a pesquisa ainda está em andamento, com previsão de término para o final de 2024 (esperançosamente com ainda mais conteúdos descobertos até o fim). No entanto, o maior objetivo é a constituição de uma base que possibilite a instrução e a continuação dos estudos da área para que, cada vez mais, o jornalismo de agências seja explorado, analisado, registrado, descoberto e contado por futuros(as) pesquisadores(as), preenchendo, assim, a lacuna que tanto faz falta na área na história do jornalismo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Pedro. A Longa e Esquecida Tradição do Jornalismo de Agências no Brasil. In: 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Fortaleza. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, **Anais...**, 2020a. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/view/2817/1578> Acesso em: 28 dez. 2023

AGUIAR, Pedro. Antes do Cabo: as agências de notícias na imprensa brasileira no período pré-telegráfico (1851-1874). **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. XI, n. 1, p. 9-27, jan.-jun./2022. <https://doi.org/10.26664/issn.2238-5126.111202212181> Acesso em: 28 dez. 2023

AGUIAR, Pedro. Agencia Americana Telegraphica, a primeira agência de notícias do Brasil e da América Latina. **Blog Agências de Notícias**, 1 jun. 2018. Disponível em agenciasdenoticiasblog.wordpress.com/2018/06/01/agencia-americana-telegraphica-a-primeiraagencia-de-noticias-do-brasil-e-da-america-latina. Acesso em: 28 dez. 2023

AGUIAR, Pedro. “Brazilian News Agencies: a unique model between media conglomerates and the State” in: ROBINSON, Laura et al. **Brazil: media from the country of the future** (Emerald Studies in Media and Communications). Bingley (Reino Unido): Emerald, 2017, p. 163-185.

AGUIAR, Pedro. Breve História das Agências de Notícias Estrangeiras no Brasil. In: VI Encontro Regional Sudeste de História da Mídia, **Anais...**, 2020b.

AGUIAR, Pedro. “O Modelo Hugenberg: conglomerados de mídia e agências de notícias brasileiras” in: MOREIRA, Sonia Virgínia (org.). **Indústria da Comunicação no Brasil: dinâmicas da academia e do mercado**. Rio de Janeiro: UERJ; São Paulo: Intercom, 2015. pp.169-188.

AGUIAR, Pedro. Pesquisa Brasileira sobre Agências de Notícias: revisão bibliográfica de um subcampo. 14º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, **Anais...** Palhoça: SBPJor, 2016.

AGUIAR, Pedro; SABADINI, João Pedro. História das Agências de Notícias Brasileiras e das Agências de Notícias Estrangeiras no Brasil: resultados de pesquisa hemerográfica (1874-1930). XIV Encontro Nacional de História da Mídia, **Anais...** Niterói, Rede AICar, 2023.

ARAÚJO, Rodrigo. **Caminhos na Produção da Notícia**: a imprensa diária no Rio de Janeiro (1875-1891). Tese de doutorado em História (orientadora: Tânia Ferreira). Rio de Janeiro: UERJ, 2015.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**: história da imprensa brasileira. 5ª ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. v. 1.

BOLETIM da Agencia Telegraphica Americana. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 19 de jul. de 1874. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/31893. Acesso em: 7 de out. de 2022.

O DIREITO: revista mensal de legislação, doutrina e jurisprudencia, ano III, v. 8, set.-dez./1875, Rio de Janeiro: Instituto Typographico do Direito. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=CWEaAAAAYAAJ>. Acesso em: 28 dez. 2023

EMERY, Edwin. **História da Imprensa nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.

ESPECIALÍSSIMO!. **O Brazil**. Rio de Janeiro, 1 de nov. de 1890. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800023/420>. Acesso em: 20 de jan. de 2023.

LEMOS, Renato. Quintino Bocaiúva. In: ABREU, Alzira Alves (org.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro da Primeira República**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2015, p. 1086-1112. Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BOCAIUVA,%20Quintino.pdf> Acesso em: 28 dez. 2023

O LIBERAL DO PARÁ. **Agencia americana telegraphica**, 17 de abril de 1874, p. 1, colunas 3 e 4.

MATHEUS, Letícia. O Jornalismo e o Sistema Telegráfico no Brasil no Final do Século XIX. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, **Anais...** Fortaleza: Unifor, 2012.

MOLINA, Matías. **História dos Jornais no Brasil**: da era colonial à regência (1500-1840). São Paulo: Companhia das Letras, 2015. v. 1.

NALBACH, Alexander Scott. **The Ring Combination**: information, power, and the world news agency cartel, Tese (Doutorado em História), Universidade de Chicago, Chicago (EUA),

1999. Orientador: Michael Geyer. v. 1. Disponível em <search.proquest.com/docview/304544517>, acessado em outubro de 2017.

NUNOMURA, Eduardo. **Notícias de Segunda Mão**: os jornais locais e a cobertura política. Tese de doutorado em Ciências da Comunicação defendida na Universidade de São Paulo (orientador: Eugênio Bucci). São Paulo: ECA/USP, 2018.

A PROVÍNCIA do Espírito Santo. **Mala da Côrte**, 5 de janeiro de 1888, p. 2, coluna 3.

QUADROS, Jussara. Telegrafia e modernização da imprensa nas crônicas de Machado de Assis. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, pp. 756-775, set.-dez./2013.

A REFORMA. **Factos diversos**. 11 de fevereiro de 1874, p. 1, coluna 3.

SABADINI, João Pedro. Agencia Americana Telegraphica: pesquisa hemerográfica sobre a primeira agência de notícias brasileira. 13º Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJor), **Anais...** SBPJor: Brasília, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/proceedings/100416/papers/177668?lang=pt-br> Acesso em: 28 dez. 2023

SALVAIA, P. **Diálogos Possíveis**: o folhetim Helena (1876), de Machado de Assis, no jornal O Globo. Dissertação de mestrado em Teoria e História Literária. Campinas: UNICAMP, 2014.

SCHWARZLOSE, Richard. **The Nation's Newsbrokers**, v. 2: the rush to institution, from 1865 to 1920. Evanston (EUA): Northwestern University Press, 1989.